

N. York Nov. 2. 1984

Willys e Hércules, queridos amigos,

vai uma cartinha porque cartão não dá nem para começar. Aliás, não sei nem por onde. Na primeira semana aqui, no primeiro dia de galerias, vimos numa tarde: Brice Marden, Albers (uma exposição fantástica; 50 quadros inéditos, e como diz o Zé, tem tudo: Morandianos, Matisseanos, Cezanneanos, uma emplastrada estranha, enfim, uma aula! Em seguida, Masson. Nos sentimos em casa. Dia depois fomos ao Whitney ver a exposição dos Pops and Minimal. Oldenburg resiste! Interessantes e fortes seus desenhos/placulturas. Raaschemberg se esvai - curioso é Lichtenstein (não sei mais como se escreve!!) resiste bem, e os primeiros Warhols são bem inteligentes mesmo. Jasper Johns é sempre algo muito sério. Agora, a 2ª linha é bobagem mesmo: Jim Dine, Rosenquist, Wesselman não resistem. Judd mantém a coerência. Aliás, nessa

② semana saíram dois números de Art in America (vocês viram aí?) com um artigo grande de Todd metendo a bronca em tudo, galerias, Museus, crítica, etc.. Algo ressentido mas corajoso dando nome aos bois, pingos nos iis, enfim, reclamando do Comércio New Wave, da bobagem geral, da arquitetura, enfim, parece algo familiar às nossas reclamações no Brasil. Foi bom para termos uma medida da crise, aqui, de cultura. Em seguida vimos uma exposição sobre as relações da Arte Primitiva e Arte Moderna. Deveria ter tido notícia aí. É uma maravilha de montagem: peças, esculturas e pinturas fantásticas de Picasso, Brancusi, muito Giacometti, alguns Ensos, e peças africanas, indonésias, pré-colombianas, bizantinas. Muitas são das próprias coleções dos artistas. O tema parece óbvio (Picasso/mascara africana) mas a exposição, cujo curador foi W. Rubin, é muito inteligente (salvo uma pequena última sessão contemporânea, que é fraca) muito didática, como sabem

③ fazer aqui, e as relações são curiosas e bem feitas, raramente forçadas. O que é difícil com um tema (levaremos o catálogo) é claro que a tese não é a influência primitiva na Arte Moderna mas, ao contrário, o "olho" moderno e suas relações da arte primitiva. Enfim, além disso, a nova ala do MOMA mostra o que nós gostamos apical, o "nosso" museu, como diz o Patinho (Paulo Venâncio): a Piscina e os Collages de Matisse, uma quantidade de Mondrianos fantásticos, etc., etc.; etc.. O século XX. Aliás, o Guggenheim está com uma exposição imbecil de artistas "naifs" australianos, algo (que tem à beça), mas, no acervo!!!: Kandinskys, Klees, Mondrianos, etc., etc., etc.. Fora o Metropolitan com exposição Van Gogh... vimos as duas curvas da Serra que são uma beleza! Enormes numa escala lindíssima, quase evanescentes pela extensão, delicadíssimas. Em seguida, a instalação do Newman, o grande (outro no MOMA, maravilhoso!) As

④ relações são imediatas. No Hunter College, um Tony Smith lindo, enorme; Calder em Wall Street... A cidade tem dessas coisas. Fomos ainda nesse fim de semana a um parque enorme, um "green" outonal com esculturas ao ar livre. Calder monumental (stabile) realmente impressionante; seu gravador enorme, lâmina de ferro, 2,50 de altura por uns 70 metros de extensão quase-mente cortando a grama, ligeira curvatura, sem infeira sem solda! linda!

(ilustração)

Uma coleção de David Smiths, alguns Noguchis (muito bons) e uma série de De Suvors (que não gosto especialmente) que enormes, uma escala muito bonita para o lugar. O Calder é monumental e estranho.

(ilustração)

(tirei o desenho da foto que a M. Carmen fez. As duas figurinhas somos nós dois mesmos. A proporção não é essa.

Em nunca vira de
perto um Calder desse
tamanho. A proporção
é ainda maior. O
desenho distorceu ...)

CALDER ("Storm King"
Museum é o nome do
lugar.

Bem, tudo isso na 1ª semana! Ainda
vimos as outras galerias, uma exposição
de Bruce Nauman(?), bastante forte, e
muita, mas muita bobagem também.
O Bruce Marden, a 1ª exposição que
vimos, é curioso porque seria, em
princípio, uma questão de pintura, de
cor. Mas não é. É estrutura, apare-
tamente vendo foto, parecia Sued.
Nada a ver. A pintura é casual como
gesto, a cor é Mondrian comentado
(não sei, é preciso pensar) de certa
maneira.

Bem, vimos ópera na TV (A crioula
Leontyne Price, numa ópera de Verdi,
Fantástica!) E não entendo nada e não
sou dada a operas, mas fiquei

⑥ "mordida" ao ver Leontine Price e uma montagem do Metropolitan. (Os 2 cantores não me pareceram tão bons, mas não posso afirmar) Vamos ver a vida "ao vivo"! Começamos a comprar alguns livros ... Isso também vai ser ótimo! É o que tem aqui, vocês sabem, quanto ao "resto", o apartamento é bem amplo, muito simpático, um prédio de 1910 com um hall grande Art-déco, meio Wright, e um porteiro russo-francês, que fala só francês conosco. Aliás, estamos no limite do Village, um local que foi recentemente barra-pesada mas que agora está sendo recuperado.

O East Village onde estamos já foi casa do Newsweek: vocês sabem, muito "punk", muita bota, couro e alfinetes nas orelhas, mas tudo comprando biscoito, coca-cola e macarrão no carrinho do Supermercado ... Nada a temer. Uns "Hell Angels" meio barrigudo, uns hippies quarentões e muito chinês, muito indú, muito japonês e todos os latinos-americanos possíveis. Inglês mesmo na TV e Rádio ... Estamos meio longe dos

(7) de Museums e galerias da 57th, mas pertubulo - à pé - do Sotto e do West Village. Tudo bem. O apartamento é muito barato (arranjo da Lidia Okamura, que foi ótimo) e bem cuidado: gelador, perfeito dia e noite, 2 elevadores e é amplo, muito amplo para apartamento desse preço (\$700,-) Tem um sala de 6x4, o quarto com 5x4, bom W.C. e cozinha simpática com mesa para comer, toda equipada (só os talvez a louça e panela, que compramos) todas as janelas dão para a rua (e bate sol) numa quarteirão de prédios recuados em meio a um jardim. Assim a vista é ampla e arborizada. Foi sorte mesmo! O Fernando Stickel está aqui há 40 dias também. Seu apartamento fica na West Village, a rua é mais chique, sem divida e o apartamento está bem mais equipado (móveis, etc.. nós tivemos que comprar alguma coisa: mesa, luz, roupa de cama e banho, estante, etc.) mas está no 5º andar, sem elevador, é pequeno (sala e cozinha

⑧ junto) e mais caro. Enfim, acho que estamos já começando uma vida mais cotidiana. Falta apenas comprar uma máquina de escrever elétrica (para poupar os amigos dos garrandios inevitáveis) Mas já compramos TV com + Cable + rádio Tapes Sony - que são indispensáveis aqui. Nova York é dura! É uma São Paulo piorada em certo sentido, mais barulhenta, mais agitada, mais decadente. Vai ensinar a gente a viver "urbanamente" de fato. Programação cultural intensa e muito boa comida e vinhos, barato para o custo da cidade, queijos franceses, suíços, etc., mostarda Dijon, Colman's, azeite espanhol, leite de vaca, saladas maravilhosas, enfim, para quem gosta, um bom whiskey em um pub às 6 horas de tarde depois do Museu... À noite, chá inglês e biscoitos caseiros, música clássica e bons livros, revistas e jornais. Não se pode querer mais. Claro, anda-se muito (nosso ponto fica a alguns quarteirões do Village, do centro do Village, as melhores lojas de comida estão) mas aqui, andar é ótimo. Vamos ver o inferno... Hoje foi o primeiro dia mais

④ frio, muito constante, mas ainda muito agradável (gosto de frio). A casa aquecida é outra coisa! Enfim, meus amigos, antes que a compulsão de outras coisas me impeça vou me despedir. Essa foi a contribuição apenas (e nem falei de política: Reagan, Mondale, a morte de Jandira e a TV aqui...) para dar o nosso endereço - 172 East, 4th Street nr. 36, New York, NY, 10.009 USA
phone (212) 473 8049.

Manden notícias que aqui nos jornais, só se dá página sobre o Brasil. E as exposições, como não por aí. Já sei, já sei não precisamos, estando em N. York. Mas queremos notícias dos amigos. O que precisamos, pedam: livros, catálogos... Grande beijo de Sophia.

Willys e Hércules.

Depois desse relatório completo e detalhado vou dar só um abraço rápido aqui. Da próxima vez eu começo a carta - assim não vale! Mas N. York está ótima mesmo e acho que será muito produtivo esse tempo aqui. Escrevo logo. Um abraço
José